

**AS FORMAS DE REVELAÇÃO DE DEUS**  
**ANTIGAS E NOVAS**  
**UMA LEITURA DE Hb 1,1-4**

*Isidoro Mazzarolo*

**Resumo**

*Este artigo tem o objetivo de mostrar que a revelação não é propriedade particular ou privada de um povo ou cultura. O autor da “homilia” aos Hebreus mostra uma compreensão muito eclética do que conhecemos como revelação. No passado, a revelação foi feita de modo indireto, pois foi através dos profetas concedida aos pais, mas hoje essa revelação se tornou direta, a nós, pelo Filho.*

**Palavras-chave:** *Revelação. Homilia. Profetas. Filho de Deus.*

**Abstract**

*This text aims to show that revelation is not a private or particular patrimony. The author of “homily” to Hebrews shows a very eclectic comprehension of what we know as revelation. In the past, revelation was made in an indirect way, because was through the prophets and granted to parents, but nowadays it became a direct revelation to us by the Son.*

**Keywords:** *Revelation. Homily. Prophets. Son of God.*

**Introdução**

A carta aos Hebreus não é propriamente uma carta, não é de Paulo e também não tem apenas os Hebreus como destinatários. No entanto, é um dos textos mais complexos do NT sobre a herança judaica no cristianismo concernente aos sacrifícios, ritos, funções e origem do sacerdócio cristão.

O breve estudo que apresentamos abaixo não trata dessas questões, mas da revelação e da autoridade da revelação diferenciada entre os tempos dos pais e os nossos tempos. Nos tempos dos antepassados (pais) a revelação vinha de modo

indireto, pois Deus se comunicava com os profetas e esses repassavam aos pais essas verdades que tinham recebido.

Deus não transmitiu somente a um povo as suas revelações e verdades, mas privilegiou um povo de modo mais específico, através dos profetas, de modo mais direto e, de modo indireto, fez suas manifestações em muitos lugares e de muitas formas.

No passado os interlocutores de Deus para o povo eram os profetas, mas agora, em nossos dias, a fonte da revelação é o seu próprio Filho. Nesse aspecto, o autor começa diferenciando a qualidade e a autoridade da revelação feita pelo Filho, mostrando que ela não é mais indireta, mas direta, personalizada e autorizada.

Os profetas decodificavam os sinais de Deus e os traduziam para o povo, mas o Filho fala diretamente do Pai e manifesta a vontade dele. Essa introdução de Hb 1,1-4 mostra como o autor compreendeu as múltiplas formas da manifestação de Deus e os muitos lugares onde Deus se tornou presente, mas sublinha que a forma privilegiada, direta e sem intermediações aconteceu no Filho. Jesus é o novo e verdadeiro sumo sacerdote, herdeiro e a irradiação da glória e do caráter do Pai, através do qual nos veio a purificação dos pecados e agora está sentado nas alturas.

Com outra linguagem, com outras palavras o autor dessa homilia traduz a teologia paulina de Fl 2,6-11, na qual encontramos o Filho como um embaixador do Pai, que assume a redenção através da encarnação e humilhação, mas que depois é elevado ao mais alto posto e toda língua o confessará Senhor<sup>1</sup>.

#### **A não apropriação da Revelação e a natureza do Filho em Hb 1,1-4**

<sup>1</sup>*Em muitas partes (lugares) e de muitos modos falou Deus antigamente aos pais através dos profetas; <sup>2</sup>ultimamente, nesses dias, falou a nós no Filho, o qual estabeleceu como herdeiro de todas as coisas e através do qual fez o mundo. <sup>3</sup>Ele, sendo a irradiação da glória e o caráter da natureza dele e sustentando todas as coisas na força de sua palavra, tendo feito a purificação dos pecados, sentou à direita da majestade nas alturas, <sup>4</sup>tendo-se tornado tão superior aos anjos, quanto herdou um nome mais excelente que o deles.*

A revelação não é propriedade de um povo, de uma cultura ou de uma religião. Antes de Jesus Cristo, Deus falou *em muitos lugares e de muitos modos*. Israel não é o detentor da revelação, mas teve uma parte da mesma, assim como

1. Cf. MAZZAROLO, I. *Carta de Paulo aos Filipenses*, p. 86-88.

outros povos e raças receberam sua parcela de revelação. À semelhança de Paulo em Rm 4,1-25, o autor de Hb 1,1-4 deixa bastante explícita a possibilidade das duas formas de revelação: 1. A revelação explícita; 2. A revelação implícita. A explícita veio através dos profetas aos “pais”, nos tempos antigos, e a implícita, também nos tempos antigos, foi dada também aos pagãos de outros modos e formas. A revelação e a manifestação de Deus se dão através da Lei revelada (na tradição bíblica), na qual profetas e mensageiros decodificaram, escreveram e transmitiram às gerações sucessivas e através da Lei natural, onde muitos líderes transmitiram as inspirações da sua consciência e bom-senso.

Deus falou pelos profetas, mas não foram apenas os profetas de Israel que intermediaram as orientações divinas para os povos. A profecia existiu dentro de Israel, mas de modo muito amplo esteve em outras culturas.

O autor usa a expressão “nossos pais”, muito conhecida no ambiente judaico, para indicar um passado e um patrimônio próprio (Sl 78,3-7; Jó 8,8; Dt 4,9), e com isso ele fará uma interpretação desse quadro aos seus leitores comentando Abraão, Moisés e suas gerações (Hb 11). Esses pais nem sempre foram testemunho da maior fidelidade a Deus que pudesse ser exemplar, tornando, por vezes, uma geração de rebeldes (Sl 78,8-72; 95,7-11; Hb 3,7-19). Deus se revelou *aos pais pelos profetas*. Quer os pais, quer os profetas são fórmulas conhecidas dos cristãos, mas com o pronome possessivo “nossos” pertence a uma tradição rabínica tardia<sup>2</sup>.

Marcheselli-Casale propõe um paralelismo, que poderíamos chamar de antitético, nos dois primeiros versículos, que ele chama de esquema quiástico<sup>3</sup>:

1,1	1,2a
a. Muitas vezes	A' ultimamente
b. Deus	B' Deus
c. depois de ter falado	C' tem falado
d. antigamente	D' nesses dias
e. aos pais	E' a nós
f. através dos profetas	F' o Filho

2. MARCHESELLI-CASALE, Ebrei, 95. O autor faz uma referência ao uso do possessivo “nossos” remetendo ao estudo de KNTTM.SB, vol. I, p. 116-118; v. II, p. 180; e o termo “pais” sem o possessivo ver Sir 44; *Mekhilta Exodus*, sobre Ex 12,1 (cf. nota 12, p. 95).

3. MARCHESELLI-CASALE, Ebrei, 93.

Arrumando o quiasmo podemos ter uma compreensão mais clara da estrutura:

- a. Muitas vezes
- b. Deus
- c. depois de ter falado
- d. antigamente
- e. aos pais
- f. **através dos profetas**
- F' **no Filho**
- E' a nós
- D' nesses dias
- C' tem falado
- B' Deus
- A' ultimamente

A tese central desse quiasmo é que Deus falou e continua falando. No passado foi através dos profetas, mas hoje continua falando a nós. “Tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas não podeis compreender agora. Quando vier o Espírito da Verdade, Ele vos conduzirá à verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras” (Jo 16,12-13). Essa sentença não precisa de muito esforço para ser entendida. A revelação é dinâmica, não se atém a lugares, pessoas ou correntes religiosas, pois ela depende exclusivamente do Espírito.

O autor é prudente e humilde, não se colocando como um interlocutor explícito da fala de Deus, e, em lugar de repetir a fórmula anterior, prefere ser discreto: Deus não fala por nós como falou pelos profetas, mas fala a nós. Pode ser que esteja subentendida a linguagem de Deus que ele quer transmitir. O “nós” estaria representando os discípulos e apóstolos? Como falou pelos profetas, aos pais nos tempos antigos, atualmente fala *a nós ou por nosso intermédio*? O autor se coloca como um dos “intermediários” de Deus, hoje, assim como os profetas antigos? Deus fala a nós ou aos outros *por nosso intermédio*? Somos autênticos representantes de Deus nos dias atuais?

*Polymerôs* – Muitas partes, lugares, porções, conjugado com o adjetivo *polys* (muito, muita)<sup>4</sup> temos a compreensão auferida pelo autor no começo de seu texto – Deus não falou em um único lugar, mas em muitos lugares, em muitos continentes, muitas épocas. A revelação não é propriedade de um povo e de uma nação. Deus falou antes que Israel existisse. A criação é obra divina e desde o seu início Deus contactou seus filhos em todos os lugares do universo.

*Polytrópôs* – Muitos modos, muitas maneiras, artes, jeitos, “formas”<sup>5</sup>. É possível saber quando Deus fala? Qual a linguagem de Deus? Quem está autorizado ou capacitado para escutar, entender e transmitir o que Deus fala?

Deus fala de muitas formas é só entende a linguagem divina quem está em sintonia, quem está conectado com a Transcendência<sup>6</sup>. Deus se manifestou em sonhos, visões, revelações, manifestações, crises, calamidades, fenômenos, enfermidades...

A tese central é: Deus falou **em muitos lugares e de muitos modos antigamente**, através dos profetas. O autor está deixando claro: *a Palavra de Deus, a revelação divina e o contato com a Transcendência* não são propriedade de um povo, não são exclusividade de uma cultura ou de corrente religiosa. Deus é autônomo e absoluto, assim falou em muitos lugares e de muitos modos. Os estudos sobre a profecia são abundantes e suficientes para confirmar essa tese do autor, não restringindo revelação, comunicação divina e mensageiros ao âmbito bíblico ou israelita. Por outro lado, em termos de revelação bíblica, ele está contrapondo dois elementos de tempo: *antigamente e ultimamente*. No passado os profetas foram os interlocutores aos pais, agora não temos intermediários, temos o Filho que nos fala diretamente e nos manifesta o Pai. O cristianismo tem uma revelação mais explícita e direta do que outros modos de revelação antigos.

A revelação divina não esteve circunscrita na geografia de Israel, do povo da Lei, a Moisés ou aos patriarcas. Aliás, a afirmação é de que Deus falou *pelos profetas* e não pelos “pais” (patriarcas, anciãos...). Na postura do autor, os intermediários verdadeiros parecem ser os profetas e não os “patriarcas”, ainda que alguns deles tenham tido revelações especiais, como Moisés (cf. Ex 19,16-25). Seria ironia contra os “patriarcas”? Ao escrever aos Romanos, Paulo deixa Moisés

4. NEBE, G. “meros”, in: BALZ, H.; SCHNEIDER, G., *Exegetisches Wörterbuch zum NT*, v. II.

5. HAUFE, G. “tropos”, in: BALZ, H., SCHNEIDER, G., *Exegetisches Wörterbuch zum NT*, v. III.

6. MAZZAROLO, I. “Visões, uma Hermenêutica do livro do Ap 4-8”, in: *Visões, Revista científica da FSMA*, Ago/Dez, 2004, p. 9-34. Neste artigo apresentamos um estudo sobre o gênero literário da “visão” como manifestação, como revelação e transmissão de uma mensagem. Fazemos a distinção entre visão e projeção mental, visão e ilusão, visão e histeria. A visão faz parte intrínseca da revelação bíblica e da superação da condição física (material), questão muito trabalhada na Física Quântica como superação da física newtoniana clássica.

de lado para acentuar a figura de Abraão, o pagão incircunciso e destinatário de todas as promessas<sup>7</sup>.

“Nossos pais” pode representar uma apropriação da revelação por parte dos judeus. O Sl 78,3-6 manifesta um compromisso da nova geração passar adiante aquilo que ouvira de seus pais: “o que nossos pais nos contaram não esconderemos aos nossos filhos...” Os pais deveriam ser os guardiões dos valores e das verdades da sociedade, mas não raro se corrompiam (1Sm 8,1-9).

Quanto aos profetas, esses sempre foram constituídos como atalaias do povo em nome da Divindade Suprema (Jr 1,5-10; Ez 3,1-15). A profecia fora de Israel é mais ampla e mais antiga, mesmo que os textos não sejam tão abundantes. Os profetas são independentes das tradições e mais livres nas questões da visão social. Eles são a “memória” do passado e não se restringem a um único povo ou religião, mas Deus falou por seu intermédio aos pais. Na verdade os intermediários são eles, os profetas, que estão dentro de qualquer cultura, qualquer religião e qualquer lugar. Eles são a memória de Deus para o povo no caminho da justiça. *Em muitos lugares* falou Deus. Israel não é o único detentor da revelação, da salvação ou da eleição. Ele é um povo que acolheu essa vocação não exclusiva, nem excludente. Grandes profetas existiram nas culturas pré-israelitas e contemporâneas e serviram de inspiração para Israel, como é o caso das Sibilas na Grécia.

O estilo de Hebreus é apologético desde o primeiro momento. O autor está se referindo que Deus não falou exclusivamente a Israel, nem em algum tempo fixo, mas em muitos lugares e, se os destinatários são realmente Hebreus, eles deveriam tomar cuidado com a tentação de apropriação da revelação ou da eleição.

*Antigamente – ultimamente.* Esse paralelismo antitético vai alicerçar, talvez, toda a grande apologese do tratado teológico. Dois marcos referenciais de tempo são postados um frente ao outro e dentro deles estão contidos todos os elementos de comparação, de ruptura e superação. É esse o eixo de rotação de todo o discurso. Antigamente, pelos profetas aos pais e agora, a **nós, no Filho**. Onde está o crédito maior: naquilo que ouvimos de “nossos pais”, que veio de longe, ou naquilo que estamos ouvindo, de fonte primária e límpida, no Filho? A reflexão exige discernimento, não para o desprezo do passado, mas para a valorização do presente, acima de tudo.

Ainda que de modo bastante genérico, colocamos alguns paradigmas para ilustrar o que entendemos como intenção do autor:

7. MAZZAROLO, I. *Carta de Paulo aos Romanos*, p. 71-75.

<b>Antigamente (ontem)</b>	<b>Ultimamente (hoje)</b>
Pelos profetas	No Filho
Aos pais	A nós
Moisés	Cristo
Sacerdócio terrestre	Melquisedec
Sacrifícios anuais	Um único
Pelos próprios pecados	Pecados dos outros
Sacrifícios de arrependimento	Sacrifícios de transformação
Sacerdócio mutável	Sacerdócio eterno
Santuário terrestre	Santuário celeste
Aliança antiga	Nova Aliança
Obstinação = ruptura	Obediência = fidelidade
Ab-rogação	Vigência plena

Dentro da temática antitética, o autor propõe ao leitor uma tomada de posição. Expõe como era ou como foi o *ontem* e depois explicita o *hoje*. O leitor é convidado a refletir e fazer seu próprio discernimento, ainda que a tese do *hoje* se apresente insofismável. Não temos um quadro tão dramático como o conflito da Galácia, onde temos um “enfeitiçamento” dos cristãos evangelizados por Paulo (Gl 1,6-9), mas percebe-se que o intuito do autor é mostrar que *voltar ao passado* é “embarcar em canoa furada”, agarrar-se em galho seco.

No passado Deus falou *aos pais*, nos profetas. Na verdade, Ele não falou diretamente aos pais, mas aos profetas (1,1). Entra a figura do emissário, do representante direto que é uma figura separada da autoridade política e religiosa. O profeta é alguém “sem poder”, mas tem a missão de acompanhar quem tem poder (Am 3-6; Os 4-5; Mq 1-3; Is 5,8-30). Se Deus não escolheu falar diretamente com os “pais”, esses não teriam condições de se conectar com Deus? Os pais estariam sendo minimizados ou menosprezados? O autor estaria desprezando o passado? Não! Ele está mostrando que o hoje, o tempo presente que está em nossas mãos, tem que ser assumido. Os “pais” fizeram o que estava ao alcance deles, mas hoje não se pode repetir esse passado. O hoje tem seus imperativos, sua revelação e missão confiada a nós.

A superação do passado é um imperativo! Os profetas foram muito importantes na revelação de Deus e na transmissão das verdades divinas “aos pais”,

mas ninguém deu a conhecer tão bela e nitidamente a vontade do Pai, como o Filho, que não falou no passado, mas *nesses dias, a nós*.

O Filho é sempre superior ao secretário, ao empregado, pois o Filho está dentro de casa, convive com o Pai. Ele foi constituído herdeiro de todas as coisas. A herança é um tema bastante complexo dentro da literatura bíblica. Tomando como exemplo a parábola da vinha (Is 5,1-7), o profeta Isaías se queixa dos frutos azedos em lugar de uvas doces. No Evangelho de Mateus, a parábola dos vinhateiros homicidas é aplicada às autoridades do Templo e indica a perda da herança que será dada a outro povo que produza bons frutos (Mt 21,33-46). Os “pais” não foram constituídos herdeiros, mas apenas o Filho, e Ele não fala como “intermediário”, mas como Senhor (cf. Jo 16,28-33).

O Filho é uma autoridade superior porque é cocriador do mundo (v. 2). Ele foi estabelecido pelo Pai como herdeiro de todas as coisas. Essa definição nos é apresentada de modo muito patente no prólogo joanino (Jo 1,3 = tudo foi feito através dele e de tudo o que existe, nada existe sem Ele).

#### **As prerrogativas do Filho:**

- a. Herdeiro de todas as coisas
- b. Cocriador do mundo com o Pai
- c. Irradiação de glória do Pai
- d. A expressão do caráter de sua natureza
- e. Sustentáculo da Palavra do Pai
- f. Realizou a purificação dos nossos pecados
- g. É superior aos anjos
- h. Herdou um nome mais nobre que os anjos

As qualidades do Filho preenchem todas as representações de magnitude nas Escrituras. Como herdeiro é colocado ao lado do “dono” e, portanto, no ato da Criação está como o Pai (Gn 1,1-2,25). Essa definição faz eco ao Sl 102,26-28 e se repete em 1,10-12 (Cl 1,16; Jo 1,3) onde todo o universo parece obra de suas mãos, evidentemente, as mãos do Pai e do Filho. Quando o Filho assume a natureza humana, vem para aquilo que era seu (Jo 1,11).

A glória do Pai esteve com o Filho no mundo e por isso ensinou o caminho de volta para o Pai, ao concluir a sua missão (Jo 17,1-13). Westcott<sup>8</sup> entende que

8. WESTCOTT, B.F., *Hebrews*, 9.

Jesus se torna também o herdeiro de todas as promessas feitas a Israel e, com isso, tudo está voltado para Ele, pois nele finalizam-se todas as realidades antigas e começam as novas. O Filho é *gerado* (Jo 1,18) e cocriador de todas as coisas e, portanto, participante de toda a realeza, domínio e magnitude divinas (Jo 1,1-3).

A superação de todos os ritos de purificação foi realizada pelo seu sacrifício (Ef 1,7; Cl 1,14). Em lugar de ritos sacrificiais, fez dele próprio a vítima de resgate (Mc 10,45). Ele fez de sua vida um sacrifício único, libertador, pois não fez pelos seus pecados, e sim, pelos pecados do povo.

Ele sendo a irradiação da glória e o caráter de natureza dele (*'òs 'òn apaiú-gasma tês dókses kai karaktèr tês 'upostaseòs autou* – Hb 1,3), torna-se a mais límpida imagem do Pai. Não é em vão que Jesus se aborrece com Filipe quando este lhe pede para que lhes mostre o Pai: “Quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9). O caráter pode ser entendido como a identidade, a marca ou a personalidade do Pai. A *hypóstasis* pode ser a natureza, a essência ou substância (pessoa), como expressaria, em outras palavras Cl 1,15-16: “Ele é a imagem do Deus invisível...”, ou a *morphê theou* (forma de Deus, Fl 2,7). A *doksa* (glória) pode corresponder ao termo hebraico *kabôd* que é magnificência do poder, da realeza e da exaltação.

O caráter é como uma inscrição em uma lápide, um selo ou marca que identifica alguém<sup>9</sup>. O lexema *xaraktér* é usado na língua grega desde os tempos de Heródoto (i,116) para distinguir a feitura material ou espiritual, com a qual se distingue um objeto ou pessoa e o mesmo é reconhecido por aquilo que ele é. Ainda que numa tradução superficial se possa dizer que caráter é figura ou imagem, como é a tradução da Vulgata, não se pode colocar como sinônimo de *eikôn* (2Cor 4,4; Cl 1,15; 3,10), assim como aproximar de *morphê* (Fl 2,6), mas é mister compreender que o caráter é uma identidade interna, é sempre a essência do ser.

O Filho recebeu um nome mais honroso que o dos anjos. É um nome que está acima de todo o nome, esse lhe foi dado por Deus, a fim de que toda língua confesse que Ele é Senhor (Fl 2,9-11). Mas, seguindo Paulo no hino da *kénosis* (2,1-11), podemos concluir que o Filho possuía essa glória junto do Pai, antes da sua encarnação no mundo, mas no momento que Ele se torna gente, pessoa humana e arma a “tenda” no mundo (Jo 1,14), Ele se aceita e assume uma condição inferior à dos anjos pela própria condição dessa natureza.

O Filho carrega<sup>10</sup> tudo na palavra do poder dele, ou seja, na força de sua palavra (1,3b). O autor usa aqui a expressão *rema* em lugar de *logos*, mais esperado nesse caso. *Rema* é mais cunhada para indicar palavra, dito, ordem verbal. Na verdade, não é quem diz Senhor, Senhor que entrará no Reino dos Céus, mas

9. WESTCOTT, B.F., *Hebrews*, 12.

10. Já observamos que o códice B\*<sup>2</sup> substitui o participio *pherôn* (carregando, levando, sustentando) por *phanerôn* (manifestando, tornando visível...).

quem faz a vontade de Deus (Mt 7,21). A palavra, no conceito do autor de Hebreus, tem o mesmo sentido do prólogo joanino, o Lógos (Jo 1,1). Essa palavra é a revelação do Pai, é a interpretação de sua vontade, é a materialização do seu amor, pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos (Mc 10,45).

*Carregar o universo, ou todas as coisas* (pherôn ta panta, v. 3b) pode expandir o seu conceito, não apenas de sustentação, mas de criação, presença, participação em toda a obra desde os tempos mais remotos (cf. Jo 1,3).

Depois de realizar a *purificação dos pecados*, voltou a sentar-se à *destra da Majestade* (1,3). O verbo *katharizô* indica o ato de limpar, purificar, lavar. Num primeiro sentido é a purificação geral, mas no sentido metafórico indica o ato religioso da purificação. Conforme Westcott, *katharizô* indica, antes de tudo, um sentido jurídico de purificação, como cumprimento de um rito legal (cf. Lc 2,22; Mc 1,44; Jo 2,6) e, raramente, possui o sentido de *purificação do pecado* (cf. 1Jo 1,7.9). No contexto do pecado, *katharizô* significa o perdão e a remoção do pecado (Mt 8,3; Jo 7,21; Ex 30,10). Na verdade, a purificação evoca a transformação do coração (cf. Ez 36,25-28). É uma nova oportunidade que é dada a quem erra para que encontre o caminho da retidão, da justiça e da verdade. É a reintegração do que se perdeu a fim de recompor a unidade original (cf. Lc 15).

O Filho é convidado para sentar à destra de seu trono. O fato de poder sentar-se à direita ou à esquerda, no Reino de Deus, depende do Pai e não de quem quer sentar lá (cf. Mc 10,40). A encarnação, a humilhação e a entrega total em favor da missão dependeram diretamente de uma decisão do Filho, que escolheu servir e não ser servido (Mc 10,45), mas a exaltação, receber um nome acima de todos os nomes e sentar-se na glória, essa é uma decisão do Pai (Fl 2,8-11). A teologia do autor de Hebreus está intimamente ligada ao pensamento paulino no que tange à recompensa e também no que concerne à missão.

A glorificação só ocorre depois da purificação dos pecados. O sumo sacerdote, ao fazer os ritos de expiação dos pecados, necessitava fazer primeiro a sua purificação e depois a do povo (Hb 9,6-8). O Filho veio *dar sua vida em resgate por muitos* (Mc 10,45; Lc 6,25). Para perdoar é preciso ter crédito. Na tradução judaica, o perdão era de direito divino, e, diante da pedagogia da inclusão de Jesus, eles reagiam dizendo: “Quem pode perdoar pecados ou purificar do pecado?” E quando Jesus se encontra com o paralisado, apenas lhe diz: “Filho, teus pecados estão perdoados” (Mc 2,5 e par.). Mas quando um leproso corre ao seu encontro, implorando-lhe a cura, lhe diz: “Se queres, podes curar-me” (Mc 1,40; Mt 8,2; Lc 5,12).

O perdão é a nota diferencial do cristianismo em relação às outras religiões. Perdoar é incluir, resgatar e reintegrar. O Filho executou a *purificação dos pecados* e com isso possibilitou a reintegração da família humana. O perdão é uma exigência recíproca que equilibra a relação com o próximo e com Deus. A puri-

ficação exige o perdão, e essa é a parte mais difícil aos antigos e a novidade na nova religião: “Perdoai-nos, como nós perdoamos...” (Mt 6,12; Lc 11,4).

Isidoro Mazzarolo  
mazzarolo.isidoro@gmail.com

### **Bibliografia**

BRUCE, F.F. *The Epistle to the Hebrews, revised*. Michigan/Cambridge, W. Eerdmans Publishing Company, 1990.

HAUFE, G. *trópos*, in: BALZ, H.; SCHNEIDER, G. *Exegetisches Wörterbuch zum NT*, v. III. Stuttgart/Berlin: Kohlhammer GmbH, 1983.

MARCHESELLI-CASALE. *Lettera agli Ebrei, nuova versione, introduzione e commento*. Milano: Figlie di San Paolo, 2005.

MAZZAROLO, I. *Carta de Paulo aos Filipenses*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2011.

\_\_\_\_\_. *Carta de Paulo aos Romanos; Educar para a maturidade e o amor*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2014.

\_\_\_\_\_. “Visões, uma Hermenêutica do livro do Ap 4–8”, in: *Visões, Revista científica da FSMA*, Ago/Dez, 2004, p. 9-34.

NEBE, G. *méros*, in: BALZ, H.; SCHNEIDER, G. *Exegetisches Wörterbuch zum NT*, v. II. Stuttgart/Berlin: Kohlhammer GmbH, 1981.

VANHOYE, A. *Sacerdotes antiguos, sacerdote Nuevo según el Nuevo Testamento*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1994.

WESTCOTT, B.F. *The Epistle to the Hebrews*. Michigan: The Macmillan Company, 1951 (orig. 1891).